

Karine Almeida Paula

Professora do Centro Universitário de Viçosa - UNIVIÇOSA  
karinealmeida.ufv@gmail.com

Teresa Cristina de Almeida Faria

Professora associada do Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
da Universidade Federal de Viçosa (UFV)  
teresa.faria@ufv.br

---

# E quando a paisagem se tematiza? Considerações acerca das transformações ocorridas na cidade de Tiradentes-MG mediante as dinâmicas turísticas

## Resumo

O trabalho tem como objetivo analisar as transformações socioespaciais advindas da implementação de atividades turísticas na cidade de Tiradentes-MG num contexto temporal. A cidade abriga um importante acervo histórico arquitetônico datado do período colonial e tem visto, por meio deste acervo, uma oportunidade de inserção no mercado de turismo a partir da tematização dos espaços. Com base em um resgate teórico conceitual são debatidas questões envolvendo a própria constituição da ideia de patrimônio no Brasil e seu uso como elemento turístico e temático. No contexto da cidade de Tiradentes, sobretudo das transformações ocorridas no centro histórico, foi possível observar, por meio de levantamentos bibliográficos, um processo conjunto envolvendo agentes diversos na busca pela produção da paisagem turística. Nesta produção a paisagem tem adquirido roupagens distintas ao longo do ano de modo a atrair o turista e criando elementos que a faz ser reconhecida no mercado de turismo.

**Palavras-chave:** Paisagem turística, cidade patrimonial, Tiradentes-MG.

## **Abstract**

### WHEN THE LANDSCAPE BECOMES THEMATIC: CONSIDERATIONS ON THE CHANGES IN THE CITY OF TIRADENTES-MG THROUGH TOURISTIC DYNAMICS

This study aims to analyze the socio-spatial transformations caused by the introduction of touristic activities in the town of Tiradentes, MG, within a temporal context. The town contains an important collection of historical architecture dating back to the colonial period, which has evidenced the opportunity of integration into the tourism market through the thematization of its spaces. Based on a theoretical-conceptual framework, the authors discuss issues pertaining to the very formation of the heritage concept in Brazil and its use as a touristic and thematic element. The authors could observe a collaborative process involving various actors pursuing the production of a tourist landscape in the town, especially regarding the changes in the historic central district. In this production, the landscape has acquired different looks throughout the year in order to attract tourists and creating elements which makes it recognized in the tourism market.

**Key-words:** Tourist landscape, heritage town, Tiradentes-MG

## **1. Introdução**

Este artigo é parte da pesquisa de doutorado, que vem sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Viçosa, cujo tema se debruça sobre as transformações efetivadas na cidade de Tiradentes-MG com o advento do turismo, sobretudo na delimitação do perímetro de tombamento.

As atividades turísticas têm se colocado como elementos decisivos no processo de reordenação dos espaços e construção da paisagem, implicando em políticas de planejamento e desenvolvimento com o intuito de conceder visibilidade aos espaços urbanos. Tais ações perpassam por diferentes e complexos processos de (re)criação de imagens e narrativas acerca da cidade (MORIGI; MILANI; MASSONI, 2020).

A identidade dos lugares passa a ser constantemente redefinida, instituindo-se novas agendas para o planejamento do espaço urbano e novas formas de relacionamento dos turistas com a cidade, assim como com os moradores locais. Na construção das narrativas que envolvem o espaço turístico, alguns elementos da cidade ganham visibilidade, enquanto outros são esquecidos ou depreciados (MORIGI; MILANI; MASSONI, 2020). Tais

questões configuram a atividade turística como um objeto de estudo relevante na contemporaneidade, seja no processo de produção, consumo e/ou gestão do espaço urbano.

Neste âmbito, a produção da paisagem turística perpassa questões inerentes à própria transformação dos espaços, de sua base de desenvolvimento. Para Silva (2004, p. 21), os lugares explorados pelo turismo normalmente são vendidos como cenários produzidos mediante uma base paisagística preexistente, que, ao associarem-se a aspectos culturais, históricos e geográficos, dão origem a matéria-prima importante para o processo de produção e consumo do espaço. Dentre os aspectos mencionados, a questão do patrimônio histórico-cultural se apresenta como um alimento na construção e na rotulação de uma cidade turística, e, conseqüentemente, na construção de sua imagem frente ao mercado de turismo.

Como bem ressalta Silva (2004), “as paisagens turísticas são cenários intencionalmente construídos no território [...]”, logo, planos e projetos urbanos podem atuar na própria manutenção e transformação de características morfológicas da paisagem, tal como as políticas de preservação do patrimônio. Dessa maneira, por intermédio da paisagem urbana, é possível distinguir temas que caracterizam as cidades e localidades turísticas, chegando-se ao conceito de cidades históricas. Neste sentido, tal conceito, no mercado de turismo, estaria associado às pequenas e mais pitorescas cidades remanescentes do período colonial e imperial brasileiro (SILVA, 2004).

Neste enredo é que se contextualiza o artigo, ao trazer como objetivo uma discussão acerca da transformação de espaços que abrigam um acervo de arquitetura colonial em verdadeiros cenários de consumo e lazer, tendo como pano de fundo as transformações ocorridas na cidade de Tiradentes, a partir da década de 1970. A cidade, fundada no século XVIII, se caracteriza como um espaço remanescente do período colonial brasileiro, possuindo cerca de 7744 habitantes (IBGE, 2023) e estando situada na Estrada Real, mais precisamente no Circuito Caminho dos Inconfidentes. A Estrada Real, construída em meados do século XVII, se caracteriza como a maior rota turística do país, se estendendo por mais de 1630 quilômetros e cruzando os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Tiradentes exibe um dos acervos arquitetônicos mais relevantes de Minas Gerais, formado por construções setecentistas religiosas, civis e

oficiais. O patrimônio tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1938 abrange, além das edificações coloniais, os mais distintos vestígios da forma de ocupação da cidade, revelando formas de subdivisão dos lotes, formação de quadras, áreas mais densas e outras de menor ocupação, bem como as áreas verdes próximas ao sítio urbano tradicional (IPHAN, 2020).

No entanto, as transformações na cidade foram singulares no decorrer do tempo, com destaque para questões envolvendo o uso e a ocupação dos espaços, a forte dependência da cidade frente ao turismo e a busca por inserir o turismo, principalmente no centro histórico, num universo tematizado. Este conceito, amplamente debatido por Gottdiener (2000), Silva (2004) e Fagerlande (2015), compõe uma variável importante de análise ao explorar a criação de temas e símbolos associando-os à paisagem com o objetivo de se construir uma nova imagem/identidade. Aqui, em especial, a paisagem referida se remete ao próprio conjunto urbano tombado.

Sendo assim, o artigo parte da premissa de que as transformações efetivadas no centro histórico de Tiradentes, principalmente após a década de 1970, sejam elas transformações na própria ocupação dos espaços e/ou das atividades, contribuíram para o fortalecimento de uma imagem tematizada da cidade, vinculando-a a estereótipos que visam a atrair o turista e reposiciona-la diante do mercado de turismo. Esta imagem teria como pano de fundo o patrimônio histórico-cultural, entendido como um legado histórico resultado de trocas culturais e criações e preservado pela memória coletiva (MENESES, 2006).

São sobre questões como estas que o artigo se debruça ao longo das páginas seguintes. E, de forma particular, se justifica dada a relevância de temas como estes, tanto para a geografia quanto para a arquitetura e o urbanismo, pois explora-se questões que vão além de alterações no uso e na ocupação dos espaços, envolvendo transformações no próprio cotidiano daqueles que vivem e utilizam a cidade em suas atividades mais corriqueiras: os moradores.

E, para tanto, o trabalho foi estruturado em quatro seções: primeiramente, esta introdução que aborda o objetivo e o problema; a segunda seção apresenta uma contextualização do processo de transformação da cidade pós-tombamento e a partir da década de 1970, com a chegada dos

primeiros promotores do turismo; já a terceira seção se dedica a analisar as transformações socioespaciais ocorridas em Tiradentes, sobretudo no seu centro histórico, com o advento do turismo e a busca pela criação de atividades que ajudassem a construir uma imagem para a cidade tendo como pano de fundo o patrimônio. E, por fim, na quarta seção, são apresentadas as considerações finais.

## **2. Contextualização histórica e espacial de Tiradentes: sua aspiração ao título de cidade patrimonial e turística**

Esta seção tem como propósito trazer um panorama histórico acerca da cidade, no entanto, pretende concentrar-se no processo histórico ocorrido pós-escolha do sítio urbano de Tiradentes como um patrimônio cultural nacional, já no fim da década de 1930, se concentrando nos últimos 50 anos, que é quando a cidade vivenciou, e continua a vivenciar, um intenso processo de transformações, seja em sua dinâmica urbana, econômica ou social. Tal contextualização se mostra importante para o entendimento de como a atividade turística se realizou na cidade e as transformações decorrentes.

A cidade de Tiradentes foi fundada no século XVIII em decorrência da descoberta, pelos paulistas, de jazidas auríferas nas encostas de uma serra, mais tarde batizada de São José. No que concerne à sua formação urbana, Tiradentes está muito atrelada ao processo de mineração de ouro na região de Minas Gerais, fazendo com que uma parte do seu desenho urbano e um número relativo de casarios e edificações religiosas tenham sua construção datada ainda do século XVIII. Contudo, com a escassez aurífera foi desencadeado um processo de esvaziamento populacional muito significativo na cidade. Aqueles que permaneceram passaram a dedicar-se à agricultura.

Todavia, a partir da década de 1920, a cidade passa a atrair a atenção dos artistas modernistas, dentre eles Tarcila do Amaral, Oswald de Andrade e Mario de Andrade. O Movimento Modernista no Brasil teve como objetivo alavancar a cultura nacional, identificando e ressaltando elementos singulares da identidade brasileira, sobretudo do patrimônio arquitetônico, muito presente em algumas cidades de Minas Gerais. Os modernistas tiveram uma

participação importante na consolidação da noção de patrimônio histórico no Brasil e acreditavam que a civilidade brasileira teria sido construída ainda no século XVIII, mediante a atividade mineradora e conseqüentemente a ocupação de Minas Gerais (NEVES; CARNEIRO, 2012).

Os discursos ancorados pelos modernistas, e relacionados a uma cultura genuinamente brasileira, desencadearam uma política de preservação no país influenciando o governo federal no tratamento da questão patrimonial. Neste contexto, em 1936, Getúlio Vargas concede a Gustavo Capanema, então Ministro da Educação e Saúde, autonomia para atuar em um projeto de organização e proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, fazendo com que o mesmo tivesse uma relação direta com os interesses do governo e, claro, a representação da identidade nacional (NEVES; CARNEIRO, 2012). É criado então o Serviço de Patrimônio Histórico Artístico e Cultural (SPHAN) em 1937, vinculado ao Ministério da Educação e Saúde sob gestão de Rodrigo Mello Franco de Andrade.

Seria importante destacar que, mesmo perante à efervescência das discussões referentes à proteção do patrimônio histórico cultural, Tiradentes entra no século XX em franca decadência, chegando aos anos de 1900 com 11 ruas e 5 praças e a população, que em tempos abastados alcançou mais de 4000 habitantes, se vendo reduzida a apenas 1236 moradores em 1920 (CAMPOS, 2006). Mas, mesmo assim, nas primeiras décadas do século XX, a cidade conquistou algumas melhorias para a área urbana e seus habitantes, tais como água canalizada em 1915 e a iluminação elétrica em 1923. O abastecimento de água ocorria por meio do chafariz e a iluminação pública era precária, composta por apenas 24 lâmpadas a querosene instaladas no século XIX. Entre os anos de 1959 e 1963, o antigo calçamento de pé de moleque foi substituído por lajes de quartzito extraídos da serra de São José (SANTOS FILHO, 2011).

As figuras 1, 2, 3, 4 e 5 ilustram partes do centro histórico poucos anos após o tombamento, ocorrido em 1938. Algumas fotografias revelam elementos aparentemente bem preservados e outros em processo de possível abandono. Neste momento as atividades turísticas ainda não tinham sido impulsionadas na cidade, estabelecendo-se, com mais afinco, somente a partir da década de 1970.

**Figuras 1 e 2**

CASARIO NA RUA GETÚLIO VARGAS (ANTIGA RUA DIREITA), S.D.



Fonte: Arquivo Central do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2010) e conjunto arquitetônico e urbanístico na Rua Direita, s.d.

**Figuras 3 e 4**

CASARIO NA RUA DA CÂMARA, COM A SERRA DE SÃO JOSÉ AO FUNDO



Fotografia: Craig (1948). Fonte: Arquivo Central do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2010) e casario na Rua da Câmara (Herculano Velloso), a partir do adro da Matriz de Santo Antônio. Fonte: Marcel Gautherot, s/d.



**Figura 5**

CASARIO NA RUA DA CÂMARA, COM TORRES DA MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO AO FUNDO



Fotografia: Craig (1948). Fonte: Arquivo Central do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2010).

Em particular na figura 5 tem-se uma representatividade do primeiro eixo de ocupação de Tiradentes, que teve início a partir da matriz de Santo Antônio, logo no início da rua da Câmara, estando situada numa das partes mais altas do centro histórico. Esta mesma rua dava acesso direto à parte mais baixa e alagadiça, em direção ao Chafariz. Partindo da matriz, numa rua paralela à rua da Câmara, tinha-se a rua Jogo da Bola, sendo considerada a rua mais antiga da Vila.

A cidade, e boa parte dos seus casarios, mantiveram-se estagnados economicamente e em processo de arruinamento de seu legado arquitetônico e artístico ao longo das três décadas seguintes ao tombamento. Muitos proprietários de casas mais antigas as demoliram para reutilizar o material em novas residências, sobretudo em outras localidades, principalmente em São João Del Rey. Algumas exceções se deram como a matriz de Santo Antônio e a Casa do Padre Toledo, exceções para um conjunto que permaneceu desassistido de iniciativas de recuperação ou restauro, tanto por parte do órgão federal quanto de seus proprietários (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2014). Em meados de 1899/1900 a cidade possuía 194 casas muito arruinadas, sendo 19 delas sobrados (SANTOS FILHO, 2011).

A própria projeção da população revelava uma cidade estagnada, com um decréscimo populacional entre os anos de 1920 e 1950. Em 1920 a cidade registrava 1236 moradores ao passo que em 1950 foram registrados 1142 habitantes (NEVES, 2013). Todavia, o cenário parece mudar em décadas posteriores, havendo um incremento populacional, mesmo que em ritmo lento. Em 1960 a cidade apresentava 1467 moradores e, em 1970, esse número subiu para 1830. Tal acréscimo decorre, muito provavelmente, das melhorias da economia local, relacionada ao artesanato de prata e ao início das atividades turísticas.

Nos primeiros anos da década de 1970 Tiradentes passa a receber pessoas forâneas que se instalam na cidade por intermédio da criação de alternativas econômicas, tal como os proprietários do pioneiro Hotel Solar da Ponte ou como uma alternativa de lazer para férias e fins de semana, como a figura de Maria do Carmo de Melo Franco Nabuco, prima do ex-presidente do SPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2014).

A senhora Maria do Carmo, nascida no Rio de Janeiro e a convite do então governador do estado à época, Israel Pinheiro, esteve à frente

de importantes trabalhos de preservação na cidade de Tiradentes (MG), criando, para tanto, a Fundação Rodrigo Mello Franco<sup>1</sup>. Ela se colocou como uma figura importante na história da cidade, principalmente na transformação e na recuperação de diversas edificações coloniais.

Para a criação da Fundação Rodrigo Melo Franco de Andrade, nomeada assim em homenagem ao antigo diretor do SPHAN e também primo de Maria do Carmo, a senhora contou com o apoio de um grupo muito influente formado por Tancredo Neves (na época Deputado Federal), Israel Pinheiro (governador de Minas Gerais) e o próprio Rodrigo Melo Franco. É nesse momento também que é fundada uma segunda instituição que tivera uma importância ímpar na transformação de Tiradentes nas décadas seguintes: a Sociedade Amigos de Tiradentes (SAT).

A SAT, criada em 1980, tinha como objetivo executar obras de emergência no casario para garantir a permanência dos moradores em suas residências, localizadas no núcleo histórico. Cerca de 30 casas foram recuperadas inicialmente, e, em seguida, após o convenio com a Fundação Roberto Marinho por intermédio de Yves Alves – diretor da Rede Globo de Televisão na época – outras casas foram recuperadas, incluindo o Solar Ramalho (CAMPOS, 2006).

Em seu trabalho, Neves e Carneiro (2012) descrevem um relato de um dos fundadores da SAT, no qual alega que a instituição não era responsável por restaurações nas edificações, mas realizava um mínimo de obras necessárias para as casas do centro não ruírem, pois, todos os anos, várias residências desabavam por conta das chuvas. As obras eram realizadas com dinheiro privado dos membros da SAT que, de forma anual, contribuíam com parcelas a serem destinadas à contratação de profissionais. Ademais à conservação das residências, a SAT também tinha como objetivo garantir a permanência dos moradores na área central. Todavia, a instituição tinha um trabalho árduo de conscientização junto aos moradores, pois grande parte deles não tinha muito interesse na conservação e se mostravam a favor das edificações desabarem para que novas edificações fossem construídas no lugar.

A criação da Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade e também da SAT alavancaram a construção de um discurso preservacionista e o início das primeiras obras de revitalização do patrimônio arquitetônico e urbanístico que, ao aliar-se ao turismo, propiciaram a transformação territorial do local, conforme constata Neves (2013).

A partir das ações preservacionistas efetivadas pelos representantes e instituições citadas, outras mais começaram a surgir tendo como objetivo a revitalização da cidade. Havia diversos imóveis com necessidades de reparos e reformas (figuras 6 e 7), sendo a grande maioria com função residencial, haja vista que as atividades turísticas ainda não tinham ganhado ímpeto, havendo poucos estabelecimentos comerciais no centro histórico.

**Figuras 6 e 7**

PERSPECTIVA DO CONJUNTO DA RUA DO SOL



Fotografia: Renato Morgado (1981) e Casa do Teatro, situada na Rua Getúlio Vargas (Direita), respectivamente. Fonte: Arquivo Central do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2010).

Outros investimentos foram realizados para a recuperação do conjunto urbano histórico, incluindo-se os investimentos e projetos desenvolvidos pelo IPHAN, ainda na década de 1980, em parceria com a Embratur, com o objetivo de efetivarem uma campanha de valorização do patrimônio tombado e envolvendo uma série de atores, quais sejam, os poderes públicos municipal, estadual e federal, os turistas, as entidades internas e externas à cidade. Uma das ações mais emblemáticas efetivadas pelo IPHAN, e com intermédio de Dona Maria do Carmo Nabuco, foi o projeto desenvolvido pelo paisagista Burle Marx para algumas praças da cidade (CAMPOS, 2006).

O paisagista criou projetos para alguns dos largos da cidade: do Rosário, das Mercês, do Chafariz, das Forras, do Sol e para os cemitérios da Matriz de Santo Antônio e de Nossa Senhora das Mercês. Seus projetos eram singelos e compatíveis com os ambientes setecentistas, evitando assim intervenções abruptas. Os projetos foram implantados mediante apoio financeiro da Embratur, com exceção do Largo das Forras, que após readequação teve apoio financeiro da Fundação Roberto Marinho (CRUZ, 2019).

Ainda no plano do urbanismo, Maria do Carmo Nabuco obteve a instalação de uma rede subterrânea de energia elétrica, adaptando-a ao cenário existente no período colonial, pois acreditava-se que a fiação elétrica aparente causava poluição visual (figura 8). Tal ação foi uma realização conjunta entre a Fundação Rodrigo Mello Franco e a Cemig (FROTA, 2005).

Além das melhorias no espaço urbano do centro histórico, é importante mencionar a construção da BR-265 em 1971 pelo então governador do estado, Israel Pinheiro, interligando Tiradentes às cidades de São João Del Rei, Barbacena e às capitais próximas, tais como Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. A construção da rodovia foi um fator fundamental para o advento do turismo, facilitando o acesso à cidade (NONATO, 2021).

A vinda dos novos moradores e empresários se intensifica a partir de investimentos em propaganda e marketing mediados, principalmente, por empresários e representantes do poder público local, divulgando o patrimônio artístico e histórico em âmbito nacional e internacional, tal como afirma Bonuti (2017). Um desses meios de divulgação seria o Jornal Tiradentes, criado em 1997 e destinado aos visitantes, com grande parte de suas reportagens voltadas para a divulgação da arquitetura colonial (NEVES, 2013).

Ademais à mídia impressa, outros fatores também foram responsáveis por acelerar a atratividade da cidade, dentre eles o advento dos festivais de cinema e gastronomia, criados em 1997 pelo então secretário de turismo como uma forma de atrair um público mais seletivo e a divulgação constante da cidade na programação da Rede Globo de televisão. Tal ação se firmou a partir de uma parceria entre a emissora, a Fundação Roberto Marinho, a SAT e a prefeitura municipal (BONUTI, 2017; CAMPOS, 2012; GUIMARÃES, 2010). Várias novelas foram gravadas na cidade, fazendo com que ficasse conhecida nacionalmente, sobretudo a partir da década de 1990<sup>2</sup>.

**Figura 8**  
VISTA PARCIAL DO CENTRO HISTÓRICO AINDA COM OS POSTES DE ILUMINAÇÃO E PÓS-INTERVENÇÃO



Fontes: Arquivo Central do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2010) e autoria própria respectivamente (2023).

Todas estas ações acabaram por despertar o interesse de diversas pessoas externas à cidade e que vislumbraram nela a possibilidade de angariar lucros, passando a atuar como coatores responsáveis pelas transformações as quais a cidade passou, e ainda continua a passar. Muitos empresários se mudaram para a cidade e investiram de modo intensivo em pousadas e restaurantes, a título de exemplo (SOUSA; SCHICCHI, 2017).

### **3. As transformações socioespaciais advindas do turismo na cidade e a tematização frente ao patrimônio histórico**

A partir da década de 1970 instalam-se na cidade algumas pessoas de outras cidades que se colocarão como fundamentais na construção da história de Tiradentes. Tais pessoas eram oriundas de várias partes, sobretudo das capitais mais próximas, tal como Belo Horizonte, São Paulo

e Rio de Janeiro e o perfil era de pessoas adultas (maioria entre 35 e 65 anos), dotadas de boas condições financeiras e alta escolaridade. O motivo pelo qual tais pessoas começaram a se interessar pela cidade se dava por questões de qualidade de vida (tranquilidade e beleza) e como uma opção de segunda residência, outras em decorrência do potencial de desenvolvimento do turismo, investindo em empreendimentos, e, por fim, havia também aquelas que buscavam ambas as opções anteriores e que se constituíam em maioria (MADUREIRA, 2011).

Diante das projeções de Tiradentes frente a um cenário nacional e a chegada de novas pessoas interessadas em investir no mercado de turismo novas dinâmicas foram colocadas à cidade e, de forma paralela, um aquecimento do mercado imobiliário. Várias pessoas que residiam no perímetro de tombamento venderam suas casas e migraram para bairros mais afastados. A perspectiva de ganhos reais com a venda do imóvel e, em alguns casos, atrelada às dificuldades econômicas de seguimento das normativas de conservação/restauro das residências, exigidas pelo IPHAN, fizeram com que a população de Tiradentes se visse diante de um processo de saída do núcleo setecentista. Algo semelhante ocorreu em Paraty, na década de 1970, conforme constatado por Silva (2004).

Com a saída da população local do centro em direção às áreas mais periféricas – desprovidas de equipamentos e serviços de infraestrutura urbana, tal como os bairros Cuiabá, Recanto da Serra, Várzea de Baixo, Cascalho e Alto da Torre – os novos moradores passaram a ocupar os espaços mais centrais, dando início a um processo de “enobrecimento” da área.

Os novos moradores que se tornaram proprietários do casario no centro histórico acabaram por ditar novas regras na paisagem, transformando-a substancialmente ao denotarem aos edifícios novos usos que, na maioria das vezes, estão relacionados à exploração do turismo cultural. Com o objetivo de atender a demanda turística, os empresários transformaram os antigos edifícios em lojas, restaurantes, bares ou pousadas, “diminuindo sensivelmente a utilização do centro histórico como espaço de habitação e convívio cotidiano” (ZOLINI, 2007, p. 123).

Tem início, neste momento, um processo de substituição das ocupações do centro histórico de Tiradentes, intensificado sobretudo a partir

da segunda metade da década de 1990. O uso residencial foi perdendo espaço para os estabelecimentos comerciais direcionados, quase que exclusivamente, ao turismo. As fachadas foram restauradas no sentido de construir uma vila colonial autêntica e, de forma simultânea, os interiores das antigas residências também foram remodelados tornando-se espaços amplos e sofisticados (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2014).

É importante contextualizar que a transformação urbana ocorrida em Tiradentes desde os anos 1980, e que se acentua e ganha contornos decisivos nos anos 1990, se apresenta como parte de um processo mais amplo e materializado em diversas partes do mundo, caracterizado pela revitalização de áreas degradadas das cidades, se diferenciando por meio da valorização da cultura, do patrimônio histórico e tradições locais (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2014).

Após a década de 1990, fase intitulada por Costa e Castro (2008, p. 33) como a fase da cenarização progressiva, a cidade de Tiradentes se vê num ritmo de transformação que se intensifica a cada ano, produzindo um espaço urbano central marcado pela complexidade no tocante à circulação de capitais, mercadorias e pessoas e, ao mesmo tempo, “[...] unívoco do ponto de vista dos usos, por representar, principalmente, usos voltados para a atividade turística; a cidade apresenta-se como um verdadeiro cenário, um espaço representativo da transformação do uso em troca.

Para Neves e Carneiro (2012) foram criadas para a cidade, como uma estratégia de ampla divulgação, alternativas de viabilização do *marketing* urbano, valendo-se da produção de eventos, tal como a Mostra de Cinema e o Festival de Gastronomia, num “cenário histórico” e pitoresco. Estas ações desencadearam também uma sobrevalorização dos imóveis localizados no centro histórico, atraindo a atenção de empresários, sendo a grande maioria forâneos, investindo com a implantação de lojas, pousadas e restaurantes. Esta valorização contribuiu para, na virada do século XX para o século XXI, a restauração empreendida pelos empresários nas fachadas das edificações se tornasse mais intensa.

A vinda e a permanência dos empresários, assim como a projeção da cidade nas mídias, foi transformando o centro histórico num verdadeiro “[...] cenário mercadológico voltado para o turista, excluindo grande parte da população tiradentina do usufruto desse espaço” (NEVES; CARNEIRO,



2012, p. 430). Algumas destas transformações espaciais podem ser observadas nas figuras 9 e 10.

**Figura 9**

CASARIO NA RUA DA CÂMARA, COM TORRES DA MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO AO FUNDO



Fotografia: Craig (1948). Fonte: Queiroz (2010) e própria autoria (2022) respectivamente.

Um novo cenário urbano estava sendo criado na cidade, sobretudo a partir dos anos 2000, com um calendário cada vez mais direcionado para a produção de um destino turístico de luxo, com grandes investimentos públicos e privados e imprimindo novas marcas de enobrecimento do centro histórico. A produção de cenários cada vez mais espetacularizados ganhava notoriedade na paisagem, com a inserção de novas atividades tal como restaurantes, pousadas e *resorts* de luxo, museus e espaços culturais de alto padrão e eventos com repercussão nacional (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2014).

O “enobrecimento do centro”, nos dizeres de Souza e Schicchi (2017, p. 4), materializa o que seria denominada de “cidade cenário, cujo intuito era dar a aparência de que os problemas estavam controlados e de tornar a

cidade aprazível aos turistas, com a conservação do conjunto arquitetônico, uma bela iluminação cênica e ajardinamentos. Uma cidade histórica em sua melhor forma, em plena vitalidade”. Todas estas modificações revelam que, além dos aspectos de morfologia e visuais, alteraram-se também as funções tanto no centro histórico quanto em bairros mais periféricos da cidade. De forma particular ao centro histórico, de residencial até a década de 1960, passou a abrigar um comércio e empreendimentos mais sofisticados e direcionados a um público externo, os turistas (MADUREIRA, 2011).

**Figura 10**

CÁSARIO NA RUA DIREITA, COM A SERRA DE SÃO JOSÉ AO FUNDO, 1972 E 2022



Fonte: IPHAN e própria autoria (2022) respectivamente.

A cidade passa a ser divulgada amplamente na mídia, principalmente em decorrência das projeções lançadas por intermédio das gravações de novelas e filmes, mas também em decorrência do seu robusto calendário de eventos. A partir de 1997, conforme constata Campos (2012), o poder público local passa a investir no turismo por meio da criação de eventos, como forma de atrair visitantes e gerar renda para a cidade. Atualmente, a cidade apresenta, em média, ao menos um evento por mês, que vão desde eventos gastronômicos, artísticos e culturais até esportivos. Todos eles são realizados, pelo menos em parte, nas imediações do núcleo setecentista e atraem uma parcela significativa de turistas.

Dois dos eventos mais conhecidos da cidade, e que podem ser utilizados de forma ilustrativa, seriam a Mostra de Cinema de Tiradentes e o Festival Cultura e Gastronomia, ambos criados em 1998 e que ocorrem anualmente. O primeiro evento, que acontece em janeiro, se caracteriza por ser um festival cinematográfico, que reúne diferentes manifestações artísticas, exibições de filmes e curtas e muitas atividades oferecidas gratuitamente ao público. O segundo, que ocorre em agosto, é marcado por momentos distintos, tais como, festins – que são jantares preparados em pontos distintos da cidade por chefs do Brasil e do mundo –, tour gastronômico, degustações, shows, palestras e cursos.

Tais eventos foram concebidos para atrair o turista e organizados por empresas de fora da cidade. O festival de cinema, no ano de 2020, completou vinte e três edições e a cada ano a arquitetura temporária das instalações do evento têm ressignificado diversos espaços do centro histórico, articulando contemporaneidade e passado histórico (NEVES; CASTRO, 2020). Ambos os festivais recebem, em média, 40.000 turistas cada um, conforme dados projetados pelos próprios administradores dos eventos.

Em particular, o Festival de Cinema, de acordo com Neves e Castro (2020, n.p.), se consolidou a partir de um ambiente de cenário, elegendo elementos da cultura popular e a nostalgia de tempos onde os espetáculos eram o cerne da vida social. Em seus primeiros anos,

a Mostra lançou mão do apelo à memória de forma explícita, utilizando lonas de circo nas primeiras edições, trazendo referências lúdicas à tradição dos espetáculos itinerantes, de duração efêmera, para associar tais valores às novas atividades propostas. A inserção do cinema em uma cidade que nunca tivera uma sala de

exibição também trouxe o encantamento da tela grande para os moradores locais e, em uma segunda fase, a referência passou a ser o próprio cinema.

Somados aos grandes festivais, têm-se outros, de dimensões menores, que, em conjunto, movimentam a cidade ao longo do ano, principalmente o centro histórico e adjacências<sup>3</sup>, e, ao atrair um percentual significativo de turistas, contribuem para a dinamização das atividades turísticas. No entanto, poucos eventos possuem uma participação efetiva da população local conforme constatado por Guimarães (2010).

O cenário histórico e pitoresco cede lugar a manifestações que ajudam a dinamizar a economia da cidade, gerando renda, sobretudo para a grande parcela da população que tem no turismo sua fonte de empregabilidade, mas também contribui para a criação de estereótipos, associando-a a temáticas singulares. A tematização passa a ser alimentada por meio de elementos que envolvem a arquitetura, a história local, a gastronomia e o artesanato. No que tange a tematização dos espaços, Silva (2004) adverte que a tematização das cidades turísticas age, sobretudo, como meio de vendê-las como produtos comerciais: cria-se uma ‘marca’ de qualidade e distinção, facilmente reconhecível por turistas, moradores e pela própria indústria turística.

O conceito de tematização também foi explorado por Gottdiener (2000, p. 5), que o define como o uso de temas e símbolos de modo a construir uma nova imagem/identidade para o espaço:

Quando me refiro a um ambiente temático, explicitamente quero dizer o produto material de dois processos sociais. Primeiro estou falando de construções socialmente construídas [...]. Em segundo lugar tenho em mente formas materiais tematizadas que são produtos de um processo cultural que visa conferir significado simbólico aos espaços construídos e transmitir esse significado aos habitantes e usuários por meio de símbolos. Esses símbolos podem assumir uma variedade de significados de acordo com as interpretações dos indivíduos que estão expostos a eles.

No contexto da tematização de paisagens turísticas, Fagerlande (2015) também dedicou seus estudos à análise de processos e conjecturas na construção de paisagens turísticas temáticas e sua relação com a história, os costumes, a tradição e a arquitetura local. Em uma de suas falas, o autor enfatiza que tanto a tematização quanto a cenarização ocorrem por meio da arquitetura e também pela realização de eventos, tornando-se motivos pelos quais o turista se sinta ainda mais atraído pelas paisagens.

Os eventos fazem com que a paisagem se transforme diversas vezes ao ano e de formas distintas também ao longo dos anos, fazendo com que o turista se surpreenda a cada vez que retornar. Os eventos se colocariam como novas roupagens para uma mesma paisagem.

Dessa maneira, seria possível fazer uma associação entre a tematização, o próprio processo de transformação do centro histórico e os eventos ocorridos em Tiradentes. O espaço do núcleo setecentista se torna cenário, e palco, para a realização dos mais diversos eventos, fazendo com que a cidade tenha um turismo voltado não apenas para a questão histórica e cultural, mas tematizada também a partir dos eventos e atividades realizadas. O festival de cinema, por exemplo, apresenta a cada ano uma arquitetura temporária de suas instalações, ressignificando diversos espaços do centro histórico, articulando contemporaneidade e passado histórico (NEVES; CASTRO, 2020).

Um outro evento ilustrativo que vale ser mencionado neste contexto: o Natal Tiradentes, que chega à sua quinta edição, e que tem como objetivo criar uma atmosfera natalina pelas ruas do centro histórico. A paisagem passa a receber luzes, projeções nas fachadas de casarios e capelas, cortejos natalinos, fotos com o Papai Noel, jantares natalinos nos restaurantes parceiros. O centro histórico se transforma e passa a atrair o turista sob a ótica de uma nova temática.

A própria questão da tematização se apresenta como parte da construção de uma imagem destinada ao consumo, que, no caso de Tiradentes, parece estar muito associada aos eventos e ao próprio patrimônio. A imagem que passa a ser construída está ancorada na história dos lugares, nas tradições e no patrimônio, mas, em muitos casos, podem ser inventadas, como bem ressalta Castro e Neves (2020). Ao estudarem os eventos ocorridos em Tiradentes, as autoras denominam tais processos como verdadeiras tradições inventadas, que buscam em elementos pré-existentes formas de consolidar as práticas culturais.

#### **4. Considerações finais**

A consolidação do conjunto arquitetônico e urbanístico a partir do processo de recuperação e preservação efetivados contribuiu para despertar a

vocação e a viabilização do turismo cultural na cidade. Ao contextualizar as iniciativas de recuperação e intervenção no patrimônio arquitetônico de Tiradentes, desde o final da década de 1940, pôde-se notar um movimento em prol de uma transformação da cidade, no entanto, é a partir da década de 1980 que foram efetivadas ações em conjunto com atores forâneos, empresários que passaram a reforçar o discurso preservacionista aliado à recuperação do patrimônio material em prol de atividades turísticas (FONSECA, 2005).

As transformações na própria dinâmica de uso e ocupação no centro histórico passaram a fazer parte do cotidiano da cidade, onde grandes parcelas das residências foram sendo transformadas em comércio, hotéis e restaurantes, fazendo com que o núcleo setecentista se convertesse em um espaço de consumo para turistas e movimentando a economia local.

Analisar a construção da identidade turística de Tiradentes, sobretudo no que tange o centro histórico, é esbarrar-se em espaços turísticos potencialmente construídos, fazendo com que essa produção não se restrinja somente ao local construído em si, mas estendendo-se à produção de simbologias, de identidade. Elementos estes que, juntos, concedem sentido e caracterizam o lugar, contribuindo na associação e na construção de imagens e, por consequência, em verdadeiros rótulos que fazem com que o espaço seja reconhecido. O próprio conceito de cidades históricas, como bem colocado por Silva (2004), se apresenta também como uma forma de rotulação, inserindo e diferenciando os espaços a partir de temáticas distintas.

É claro que, reconhecidamente, o turismo se apresenta como um dinamizador na cidade de Tiradentes, principalmente pelo fato de ser uma das principais atividades de empregabilidade da população, de forma direta ou indireta. Não é esta discussão que se coloca como pauta, mas a forma como esta atividade tem transformado a paisagem pré-existente. A paisagem, constantemente transformada ao longo do ano, se projeta como um chamariz aos turistas e se ancora naquilo que é extraordinário aos olhos dos mesmos. A cada evento um tema diferente se recria, e recria-se também o espaço que o abriga em busca de sua inserção no trade turístico.

Contudo, se por um lado a economia local passou a ser estimulada mediante o aumento das atividades turísticas ligadas, a princípio, à questão cultural e histórica, passando a incluir posteriormente os eventos, de outro

lado deve ser observado a maneira pela qual isso se reflete na vida dos moradores locais e em sua cultura. Pauta esta possível de ser discutida em trabalhos posteriores, analisando-se em que medida o turismo – e suas atividades – trouxeram, e têm trazido, impactos no cotidiano daqueles que vivem na cidade.

## Notas

- 1 De 1970 até os dias atuais, a Fundação conta com a colaboração dos poderes públicos municipal, estadual e federal. Um pouco antes do seu falecimento, Maria do Carmo Nabuco transfere a responsabilidade de gerenciamento e coordenação da fundação para os cuidados da Universidade Federal de Minas Gerais em 1997.
- 2 Memorial Maria Moura (minissérie), Hilda Furacão (minissérie), Rabo de Saia (minissérie), Amor e Cia (filme), Coração de Estudante (novela), O Menino Maluquinho (filme), Espelho da Vida (novela).
- 3 Em consulta à agenda de eventos da cidade foi possível notar: Carnaval, Festival de Teatro, Foto em pauta, BikeFest, TreemBier, Vinho e Jazz, Festival Artes Vertentes, Semana Criativa, X-Terra, Natal Luz, dentre outros.

## Referencias

BONUTI, Luciana Araujo. **Meu jardim virou praça: olhares locais sobre Tiradentes/MG**. 2017. 168f. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN, Rio de Janeiro, 2017.

CAMPOS, Helcio Ribeiro. **Transformações urbanas recentes em Tiradentes-MG: anos 80 e 90 do século XX**. 2006. 183f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CAMPOS, Hécio Ribeiro. Espaço urbano e turismo em Tiradentes-MG. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 132, p. 182-191, maio de 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/14935/9116>>.

CASTRO, Cleber Augusto Trindade; TAVARES, Maria Goretti Costa. Processos de turistificação do espaço do patrimônio cultural: um estudo no centro histórico de Belém-PA. **Turismo: Estudos & Práticas**, v. 5, n. 1, p. 57-87, 2016. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/index.php/turismo/article/view/1964>. Acesso: 20 jun. 2019.

COSTA, Everaldo Batista; CASTRO, Bernadete. O processo de banalização pela cenarização em núcleos urbanos tombados: o caso de Tiradentes-MG. **Geografias**, v. 1, n. 4, p. 23-40, jan/jun. 2008.

CRUZ, Luiz Antonio da. **A modernidade de Roberto Burle Marx em Tiradentes**. Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes, 2019. Disponível em: <http://ihgt.blogspot.com/2019/06/a-modernidade-de-roberto-burle-marx-em.html>. Acesso: 16 fev. 2022.

FAGERLANDE, Sérgio Moraes Rego. **A construção da imagem em cidades turísticas**: tematização e cenarização em colônias estrangeiras. Rio de Janeiro: 2AB editora, 2015.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em Processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

FROTA, Lélia Coelho. **Tiradentes**: retrato de uma cidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Bem Te Vi, 2005.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Plano Diretor Participativo do Município de Tiradentes/MG**. Perfil Municipal (volume I). 2014.

GOTTDIENER, Mark. **The theming of America**: America dreams, media fantasies and themed environments. 2 ed. Cambridge: Westview, 2000.

GUIMARÃES, Aline Fernandes. 2010. 128f. **Construção e reconstrução de práticas culturais em Tiradentes MG**: as relações entre turistas e nativos em uma cidade histórica mineira. Dissertação (Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local) - Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Tiradentes**. 2023. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/tiradentes/panorama>

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 2020. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>.

MADUREIRA, Mariana Alves. **A construção do Largo das Forras como Patrimônio – Tiradentes/MG**. São Paulo. 2011. 149f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2011.

MENESES, José. **História e Turismo Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MORIGI, Valdir José; MILANI, Luciana; MASSONI, Luís Fernando Herbert. Itinerários memoriais: a cidade e seus patrimônios culturais na narrativa turística. **MOUSEION**, Canoas, n. 35, p. 71-83, abr. 2020.



NEVES, Clarissa de Oliveira; CASTRO, Maria Luiza Almeida Cunha. Mostra de cinema de Tiradentes: a arquitetura efêmera como protagonista da identidade contemporânea. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 20, n. 1, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18472/cvt.20n1.2020.1703>.

NEVES, Rodrigo. **Turismo**: A apropriação e transformação do espaço geográfico do centro histórico de Tiradentes. 2013. 134f. (Monografia de conclusão do curso de Geografia) - Instituto de Ensino Superior "Presidente Tancredo de Almeida Neves", São João del-Rei-MG, 2013.

NEVES, Rodrigo; CARNEIRO, Eder Jurandir. Imagens do patrimônio e turismo: metamorfoses e "mercadorização" do território central de Tiradentes, Minas Gerais. **Espaço e Geografia**, v. 15, n. 2, p. 407-441, 2012.

NONATO, Fabiana Aparecida dos Santos, 2021. 124f. **Os efeitos da atividade turística na formação socioespacial do município**: o caso de Tiradentes-MG. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2021.

SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. **A Matriz de Santo Antônio em Tiradentes**. IPHAN, 2011.

SILVA, M.G. L. **Cidades Turísticas**: identidades e cenários de lazer. São Paulo: Aleph, 2004.

SOUSA, Dayana Silveira de; SCHICCHI, Maria Cristina da Silva. O Centro Histórico de Tiradentes: turismo, urbanismo e patrimônio. CONGRESSO NACIONAL PARA SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL, FRONTEIRAS DO PATRIMÔNIO, PRESERVAÇÃO COMO FORTALECIMENTO DAS IDENTIDADES E DA DEMOCRACIA, 1., Cuiabá-MT, 03 a 07 de outubro de 2017. **Anais...** Cuiabá-MT, 2017.

ZOLINI, Gustavo Pimenta de Pádua. 2007. 181f. **A inflexão do conceito gentrificação em conjuntos urbanos patrimoniais em cidades de pequeno porte**: os casos mineiros de São Thomé das Letras e Tiradentes. Dissertação (Mestrado) - Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

Recebido em 20/09/2023

Aceito em 19/10/2023

